

A PRESENÇA E RETRATAÇÃO DO CANDOMBLÉ EM MACUNAÍMA

Anesio Marcilio dos Santos Pereira ¹

INTRODUÇÃO

Em meados do século XVI, mais específico entre 1539 e 1542, os portugueses vieram ao Brasil e trouxeram consigo vários povos africanos, que aqui serviram de mão de obra escrava para as diversas finalidades. Esses povos, por sua vez, trouxeram consigo desde sua cultura local até o seu idioma, como também, as suas religiões africanas, que nas nossas terras e na nossa cultura arraigou-se e, posteriormente, levaria a cabo o que conhecemos hoje como umbanda, religião genuinamente brasileira; e candomblé, religião afro-brasileira. Como afirma Cacciatore, (1988), o termo “candomblé” possui alguns significados: 1. da língua kibundo – “ka” ou “kia” – costume ou uso, “mdombe” – preto, ou seja, costume dos pretos; 2. Dança dos atabaques ou 3. Dança profana de negros. De modo geral, entende-se o candomblé como uma manifestação religiosa negra advinda da África ligada ao culto de ancestrais divinizados ao longo do tempo.

Nesse viés, quando os escravos chegaram às nossas terras, tanto eles como tudo o que lhes pertenciam eram vistos como inferiores, deploráveis, vis; que não mereciam, sequer, valorização e apreço. O mesmo sucedeu com a sua religião, pois a religião dos portugueses era o catolicismo, religião predominante da época; enxergavam as práticas religiosas africanas, portanto, como algo demoníaco, práticas satânicas, por ser uma religião de transe, sacrifício animal e de culto a “espíritos”. A partir de então, a religião dos africanos começou a ser classificada aos moldes do preconceito, da intolerância, o que culminou na proibição dessas práticas religiosas por partes dos portugueses da época. Com isso, os povos africanos buscaram alternativas para praticar e vivenciar a sua fé, em certo ponto, tiveram que abdicar de sua identidade, para assumir uma outra que não a sua, assumir práticas religiosas distantes das que eram as suas.

Nessa perspectiva, na obra *Macunaíma* (1928), de Mario de Andrade, obra fundamental para a compreensão do movimento modernista, como também para a compreensão do Brasil e

¹ Graduando do Curso de licenciatura em Letras Portugues e Espanhol da Universidade de Pernambuco - UPE, anesio.marcilio@hotmail.com

sua riqueza cultural, é uma obra que o autor buscou ressaltar a diversidade folclórica e cultural do país de forma a contribuir com os ideais modernistas da época, haja vista que nesse período o objetivo era fazer uma literatura mais brasileira longe do molde europeu. Nesse sentido, vê-se a apresentação e retratação do candomblé, bem como, a presença do povo negro e suas particularidades como parte da identidade nacional brasileira, haja vista que outrora, o negro não fazia parte desse plano identitário. Além disso, é patente que a presença dos africanos na realidade do Brasil, como fora dito, sempre foi marcada por preconceito e inferioridade. À vista disso, é de fundamental importância reverberar a forma como fora feita a retratação e apresentação do candomblé nessa obra, levando em consideração a importância dessa religião como cultura de um povo, tal qual, parte intrínseca da sociedade e cultura brasileira. Nesse contexto, o trabalho evidenciará a visão acerca da religião africana presente na obra Macunaíma, bem como a forma que a religião é descrita pelo autor e, também, o modo como está ligada à sociedade brasileira.

Os resultados desta pesquisa serão de grande valia para toda a comunidade científica e, de modo singular, ao povo negro e integrantes das religiões afro-brasileiras. Tais resultados mostrarão que o preconceito e estigmas contra o candomblé, esteve presente desde o Brasil colônia, e perdura até a atualidade, como também esteve presente nas expressões artísticas literárias do século XX em uma forma velada, sendo corroborada na obra Macunaíma. Ademais, tal evidência servirá para instigar a luta contra o preconceito às religiões de matriz africana e dar a conhecer a relevância dessa religião não só para os povos que a cultuam; além de contribuir para a valorização e apreciação da cultura brasileira enquanto descendentes dos povos africanos.

METODOLOGIA

Para obter os resultados e respostas acerca da problematização apresentada neste trabalho, foi utilizado a revisão bibliográfica em livros, artigos científicos, revistas e obra de alguns especialistas que tratam da temática, de modo a auxiliar esta investigação. A finalidade é reverberar a abordagem da temática em cada teórico citado neste trabalho. Pois, hodiernamente a temática tem sido alvo de estudo e análise por diferentes pesquisadores que investigam a influência dessa religião para com o povo brasileiro, nessa perspectiva, alguns teóricos como Cacciatori, (1988); Santos (2018); Prandi, (2001a 2001b) entre outros pensadores que elaboraram trabalhos pertinentes à temática serão abordados neste trabalho. Partindo dos conceitos apresentados pelos autores, buscou-se identificar e analisar um panorama acerca da

retratação do candomblé na obra de Macunaíma, intentando identificar possíveis equívocos e estereótipos quanto à religião.

REFERENCIAL TEÓRICO

Podemos afirmar que o Candomblé introduzido no Brasil, faz parte da identidade e cultura dos povos africanos e também dos povos brasileiros, uma vez entendido que na construção da nação e identidade brasileira os povos africanos assumiram um papel preponderante. Não obstante, tornou-se algo trivial os diversos tipos de preconceito para com o candomblé, como reitera Silva, (2005, p. 11) no tempo colonial a religião afro-brasileira foi alvo de perseguição e combate por parte dos órgãos e instituições, bem como muitos adeptos foram julgados pela igreja católica sob acusação de praticarem “bruxaria”. Por conseguinte, as religiões afro por não apresentarem, geralmente, uma ética que não se baseia na visão dualista de bem e mal, por ser uma religião de transe (incorporação) e sacrifício animal, é muitas vezes relacionada a estereótipos, tais quais, religião satânica, práticas maléficas e obscuras.

A posteriori, com o avanço das conquistas dos movimentos negros na virada do século XIX para o século XX, já não se evidenciava de forma escancarada os diversos preconceitos contra os povos e descendentes afro-brasileiros no âmbito literário. A partir de então, nota-se uma retratação e apresentação um tanto singular, no que toca a presença da religião afro na literatura. Pois, a forma de abordagem levava o leitor a crer que tais religiões e povos afros estavam assumindo uma posição relevante e preponderante que, outrora, não sucedia. Contudo, é evidente que em algumas expressões literárias dessa época, ainda mantinham vigente as formas de preconceito, ainda que velado, como, por exemplo, na obra Macunaíma, de Mario de Andrade,

Andrade ao compor a sua obra, valeu-se de vários aspectos da cultura brasileira como, por exemplo, o Candomblé, no intento de trazer aspectos da identidade nacional bem como de caráter étnico-cultural para fomentar essa identidade. Nesse sentido, é perceptível a presença e retratação de todo o rito candomblecista na obra, como também a presença de alguns orixás. Não obstante, a religião descrita na obra, está impregnada por preconceito e estigmas em que por vezes aparece de forma velada, outras vezes de forma perceptível, a qual, sempre é associada à feitiçaria e a maldade como se pode constatar neste fragmento em que a figura da mãe de santo, tia Ciata, é associada a uma feitiçeira: “A macumba se rezava lá no Mangue no zungu da tia Ciata, feitiçeira como não tinha outra, mãe-de-santo famanada e cantadeira ao violão”(p.43). Como afirma Santos (2018, p. 01), o sétimo capítulo da obra, intitulado “macumba”, retrata o candomblé de uma forma bastante equivocada e preconceituosa, ao passo

que reforça a crença popular de que a religião afro é um ritual obscuro e demoníaco dos negros. Também, ela afirma que a escolha da “macumba” como um palco de vingança descrita na obra, reforça ainda mais o estereótipo de que o candomblé é uma feitiçaria que serve para fazer o mal aos outros, e que à frente dele está a mãe de santo que comanda todos os ritos, e esta, por sua vez, em vários momentos é descrita como feiticeira. Outrossim, ainda nesse mesmo capítulo, há a retratação de alguns orixás, entre eles, o protagonismo de exu. Ao referir-se a ele, Andrade se apropriou de estigmas e preconceitos já existente para compor o personagem desse orixá na obra, isto porque a retratação que é feita é totalmente vinculada à maldade: “Porque Exu era o diabo-coxo, um capiroto malévolos, mas bom porém pra fazer malvadezas” (p. 44). Assim, nota-se a transitividade da figura real de exu para um ser maléfico, pois como afirma Prandi (2001a), exu é um orixá guardião da comunicação, um orixá mensageiro, ele que faz a comunicação entre o nosso mundo e o plano divino, sendo ele, portanto, um orixá de grande importância para os ritos candomblecistas. Em Exu não se encontra maldade alguma, dado que ele não mantém ligação com o diabo e, tampouco, com ritos satânicos. Exu possui grande importância para a religião, pois sua imagem para os adeptos do candomblé reflete força, disciplina, paciência, justiça e proteção na perseguição dos objetivos, sendo ele considerado o protetor fiel das pessoas que o cultuam. Nesse viés, é corroborável que alguns equívocos incoados desde a chegada dos africanos em terras brasileiras, perpassou vários anos e, ainda sim, esteve presente, ainda que de forma direta ou indireta nas produções literárias do século XX, mais específico na obra Macunaíma.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a presente investigação, pôde-se constatar que o candomblé enquanto religião afro-brasileira, foi descrito e apresentado na obra sob uma visão equivocada do que realmente são os ritos candomblecistas. Percebeu-se, também, que ainda que Andrade como um escritor modernista quisesse libertar-se dos preconceitos referentes à religião afro, ele como um escritor e intelectual elitista da época, o cometeu de forma direta e indireta, fato que pode ser corroborado em Macunaíma, em que a retratação que é feita do candomblé e suas particularidades, é feita sob uma ótica de senso comum, a qual, a religião por diversas vezes aparece associada à feitiçaria e à maldade. Além disso, o intento de colocar o povo negro em um lugar de destaque, de forma a ressaltar a identidade nacional, leva o leitor a uma falsa crença de que as contribuições do candomblé para com a cultura brasileira são malélicas, como também resalta os estigmas de que a religião como um todo é um antro de feitiçaria, devendo procurá-la, portanto, caso queira obter algum benefício em cima de um malefício para com outrem.

Ademais, é perceptível em determinados momentos a forma velada em que os estigmas e preconceitos aparecem na obra, isto porque o autor ao escrevê-la, utilizou atributos dando um teor de normalidade as adjetivações referente ao candomblé. É sabido que o candomblé em sua natureza é uma religião decorrida do animismo africano, ou seja, a sua base é a natureza da alma, em seu entendimento animais e plantas possuem espiritualidade. Nesse sentido, os orixás presentes no candomblé são ancestrais divinizados que carregam consigo axés (forças/energias) vinculados à natureza, em outras palavras, os orixás são energias da natureza criadas por Olorum, que outrora encarnaram como humanos e tiveram vida terrena. Nesse viés, dentro do candomblé não há a dicotomia céu e inferno, dado que perante essa religião após a morte física a alma do falecido é encaminhada por Omolu e Iansã para o Órun (mundo espiritual), o que desmistifica que os rituais do candomblé são centrados na crença do inferno e ligados a cultos satânicos, haja vista que os ritos do candomblé visam sempre a evolução pessoal enquanto indivíduo neste mundo terreno, bem como a evolução espiritual junto aos orixás. Congruente às outras religiões presentes no Brasil, o objetivo do candomblé é possibilitar ao ser humano a construção de um sentido de vida, ou seja, possibilita a orientação pessoal enquanto um ser em evolução, como também a construção de valores entre indivíduos de uma mesma sociedade. Além disso, os estigmas posto por Andrade referente à religião afro, leva o leitor a fomentar as diversas formas de preconceito que vem desde outrora, como também, sabendo-se que a literatura é um importante meio de transmissão de conhecimento, o fato de Andrade ter por objetivo enfatizar as partes que compoem a identidade nacional, bem como o papel nessa composição, reforça ainda mais a inferiorização e repulsa referente ao candomblé, haja vista que para muitos a interpretação que se pode ter do candomblé como parte da identidade nacional a partir da obra, é que é um fragmento obscuro e inferior da identidade brasileira. Também, o cenário do terreiro de candomblé, como afirma Santos, aparece não como um lugar sacro, um lugar que deva manter-se um respeito pela espiritualidade local, mas sim, o autor o descreve como um cenário propenso à vingança; mais uma vez, fomentando o equívoco de que o terreiro de candomblé serve para as práticas do mal, como também a vingança, como é descrita na obra.

Em linhas gerais, assevera-se que o fato de Andrade pôr a religião afro como parte de sua obra, evidencia a relevância da cultura africana na cultura brasileira, ainda que sua retratação esteja longe do vínculo com a realidade, no que diz respeito aos objetivos e crenças do candomblé. Ademais, a negatividade em que Andrade descreve alguns orixás, como por exemplo, Exu, o insere como parte da identidade nacional com atributos negativos, como se sabe. No entanto, o autor poderia conferir-lhe suas características reais de modo a afirmar a

personalidade de exu, contribuindo no construto da identidade nacional, desmistificando o preconceito para com esse orixá, como também, ressaltar a ambiguidade e pluralidade desse orixá que também são características humanas, evidenciando, assim, a ligação que esse orixá tem com os povos brasileiros e a sua cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o exposto, corrobora-se, portanto, que a ótica utilizada para enxergar e descrever o candomblé, sempre foi com uma visão hostil, a qual menospreza a religião alheia. Nesse sentido, como é sabido, o candomblé entendido como uma religião afro-brasileira, sempre foi alvo de injúria, bem como equívocos acerca de suas práticas religiosas. Em outros termos, o candomblé desde o princípio sempre foi associado com obras de cunho maléfico. Assim sendo, como algo trivial, vê-se na obra *Macunaíma* (1928) a retratação fiel no que diz respeito ao preconceito e demonização como um todo, longe da realidade e originalidade dessa religião afro-brasileira. Também, é perceptível que o lugar que o candomblé ocupa na obra, não é um lugar de destaque, e sim um lugar o qual é um suporte para que se intente corroborar sua face negativa, ainda que não haja. Pois, o candomblé sendo parte da identidade nacional, já que está inserido na cultura brasileira, deve ser visto não com repulsa, como sempre sucede, mas sim com um olhar de valor e apreço, de forma a ganhar espaços que lhe convém enquanto religião advinda da África e estabelecida no Brasil.

Palavras-chave: Candomblé; Literatura, Preconceito, Cultura, Identidade

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. Belo Horizonte: Villa Rica Editoras Reunidas, 2007.

CACCIATORE, Olga Guidolle. **Dicionário de cultos afro-brasileiros**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

PRANDI, Reginaldo. **Exu, de mensageiro a diabo: Sincretismo católico e demonização do orixá Exu**. Revista USP, São Paulo, n.50, p. 46-63, junho/agosto 2001a

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001b.

SANTOS, Leticia. O racismo presente na obra *Macunaíma*. **Vício Velho**. 3. ed. p, 01-03. Jun/2018. Disponível em: <https://viciovelho.com/2018/06/26/o-racismo-presente-na-obra-macunaíma/>. Acesso em: 20 jun. 2021.

SILVA, Vagner Gonçalves. **Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira**. 2. ed. São Paulo: Selo negro, 2005.